

Excursão na Teologia Natural (Parte 8): O Argumento Cosmológico Kalam

Seção 04 / Aula 08

Autor: William Lane Craig

Publicado no YouTube: 24/05/2024, 18:30:02 (horário de São Paulo)

Aula original: 2015-10-07

[Assistir à aula no YouTube](#)

[Acessar o Curso Defensores - Seção 04](#)

Transcrição da versão em português a partir da legenda da aula. Revisão: 20/10/2026.

Apresentação e história do argumento kalam

Hoje nós abordamos um novo argumento para a existência de Deus, o chamado argumento cosmológico Kalam. E eu acredito que temos um esboço para distribuir a vocês para tomarem notas. Está certo? Ok. E isso está sendo distribuído. Então, se você precisar de um esboço, certifique-se de levantar a mão. Quando menino, eu me perguntava sobre a existência do universo. Eu me perguntava de onde ele veio. Ele teve um começo ou sempre existiu? Eu me lembro de estar deitado na cama à noite tentando imaginar um universo sem começo. Cada evento seria precedido por outro evento. De volta e mais para trás, sem ponto de parada (ou mais precisamente, sem ponto de partida). Minha mente simplesmente se agitava com o conceito. Parecia-me inconcebível. Deve ter havido um começo em algum momento, pensei, para que tudo pudesse começar.

Mal sabia eu que por séculos os homens lutaram com a ideia de um passado infinito e se o universo teve um começo. Filósofos gregos antigos, como Aristóteles, acreditavam que a matéria era necessária e não criada e, portanto, eterna no passado. Deus pode ser responsável por introduzir ordem no cosmos, mas ele não criou o universo em si. Essa visão grega estava em contraste com a visão judaica ainda mais antiga sobre o assunto. Os escritores hebreus sustentavam que o universo não existia desde sempre mas teve um ponto de início em algum momento no passado em que foi criado por Deus. Como o primeiro versículo da Bíblia hebraica afirma: “No princípio, Deus criou os céus e a terra.” (Gênesis 1:1). Agora, eventualmente, essas duas tradições (grega e judaica) começaram a interagir.

Surgiu dentro da filosofia ocidental um debate contínuo que durou bem mais de mil anos sobre se o universo teve ou não um começo. Esse debate se desenrolou entre judeus e muçulmanos bem como cristãos, tanto católicos quanto protestantes. Finalmente, esse debate acabou de forma inconclusiva no pensamento do grande filósofo alemão do século XVIII, Immanuel Kant. Kant sustentava, ironicamente, que há argumentos racionais convincentes para ambos os lados expondo assim a falência da própria razão! Tomei conhecimento desse debate apenas depois de me formar na faculdade. Uma semana antes da formatura eu estava navegando nas mesas de liquidação da livraria da faculdade e encontrei este livro de um dos meus ex-professores, Steward Hackett^[1], intitulado A Ressurreição do Teísmo. Eu tinha ouvido que este era um livro importante e, como estava em liquidação, decidi comprá-lo.

Depois de me formar, comecei a lê-lo naquele verão. E fiquei impressionado com seu conteúdo. Veja, eu tinha sido ensinado na faculdade que não há bons argumentos para a existência de

Deus – que todos esses argumentos foram refutados por filósofos modernos. Portanto, realmente não existem argumentos bons, por assim dizer, para Deus. E embora isso me parecesse contra-intuitivo, eu tinha grande respeito pelos meus professores eruditos e pensava se eles dizem que não há bons argumentos para a existência de Deus, eles devem estar certos. Então, aqui, eu descobri no livro de Hackett uma defesa de argumento após argumento para a existência de Deus junto com refutações detalhadas de todas as objeções que poderiam ser levantadas contra esses argumentos. E eu fiquei absolutamente impressionado. Querendo compreender o caso de Hackett, fui fazer um mestrado em filosofia.

Ao me preparar para os exames de admissão de pós-graduação, descobri que o ponto central do livro de Hackett – o chamado argumento cosmológico kalam – na verdade, tinha uma longa história no pensamento judeu, muçulmano e cristão, remontando aos primeiros séculos após Cristo. E eu queria resolver minha mente sobre esse argumento. Então, quando me candidatei para fazer doutorado na Universidade de Birmingham, na Inglaterra, propus escrever minha tese de doutorado – ou dissertação – sobre o argumento cosmológico para a existência de Deus. Escrevi sobre esse argumento. Eu pude explorar as raízes históricas desse argumento bem como aprofundar a análise do argumento e também descobrir conexões surpreendentes com a astronomia e astrofísica contemporâneas.

Por causa de suas raízes na teologia islâmica medieval eu chamei esse argumento de Argumento Cosmológico Kalam para diferenciá-lo de outras versões do argumento cosmológico como o argumento de Leibniz da contingência que estudamos. Kalam é a palavra árabe para teologia medieval. Foi a teologia islâmica medieval que desenvolveu esse argumento com um grande grau de sofisticação. Esse argumento – o Argumento Cosmológico Kalam – amplamente esquecido desde a época de Kant, agora está de volta ao centro do palco na discussão filosófica. O Cambridge Companion to Atheism, publicado em 2007, relata: "Uma contagem dos artigos nas revistas de filosofia mostra que mais artigos foram publicados sobre o Argumento Kalam do que sobre qualquer outra formulação contemporânea de um argumento para a existência de Deus." Teístas e ateus igualmente não podem deixar o argumento Kalam de lado.

Al-Ghazali e as premissas

Qual é o argumento que gerou tanto interesse? Vamos deixar um de seus maiores proponentes medievais muçulmanos falar por si mesmo. Al-Ghazali foi um teólogo do século XII da Pérsia, ou seja, o Irã moderno. Ele estava preocupado com o fato de que os filósofos muçulmanos de sua época estavam sendo influenciados pela filosofia grega antiga a negar a criação do universo por Deus. Depois de estudar minuciosamente as obras e os ensinamentos desses filósofos, Al-Ghazali escreveu uma crítica severa de suas visões no livro chamado A Incoerência dos Filósofos, ou em árabe Tahāfut al-Falāsifa. Este é um livro fascinante que ainda vale a pena ler hoje. Se você esteve aqui na semana passada, sabe onde pode conseguir uma cópia deste livro, certo? Onde você pode encontrá-lo? Empréstimo interbibliotecas! Isso mesmo!

Então, se você estiver interessado em ler o livro de Ghazali, basta ir e pegá-lo por empréstimo interbibliotecas. E é uma leitura fascinante. Neste livro, Ghazali argumenta que a ideia de um universo sem começo é absurda. Ele argumenta que o universo deve ter tido um começo, e, como nada pode começar a existir sem uma causa, deve haver um Criador transcendente do universo. Ghazali formula seu argumento de forma muito simples. Deixe-me citá-lo

diretamente.^[2] Ele escreveu: “Todo ser que começa tem uma causa para seu começo; agora, o mundo é um ser que começa; portanto, possui uma causa para seu começo.” Seu raciocínio envolve três etapas muito simples: Premissa (1), tudo o que começa a existir tem uma causa para seu começo. Premissa (2), o universo começou a existir. (3) Portanto, o universo tem uma causa para seu começo.

Agora, este é um argumento logicamente válido, então a única questão é se as premissas são mais plausivelmente verdadeiras do que falsas. Vamos examinar cada uma das duas premissas. Primeiro, a premissa (1) é “Tudo o que começa a existir tem uma causa para seu começo.” Observe que al-Ghazali realmente não precisa de uma premissa tão forte quanto a premissa (1) de que tudo o que começa a existir tem uma causa. Seu argumento pode ser formulado de forma mais modesta da seguinte forma: Premissa (1) Se o universo começou a existir então o universo tem uma causa para seu começo. Esta premissa mais modesta não afirma que tudo o que começa a existir tem uma causa para seu começo, mas simplesmente que se o universo começou a existir, então o universo tem uma causa para seu começo.

Esta versão mais modesta da premissa (1) nos permitirá evitar todas essas distrações sobre se partículas subatômicas que são o resultado de processos de decaimento quântico surgem ou não sem uma causa. Podemos deixar essa questão de lado como irrelevante para a premissa (1'). Essa suposta exceção à premissa (1), “tudo o que começa a existir tem uma causa”, não é relevante para (1'). Por quê? Porque o universo compreende toda a realidade espaço-temporal contígua. Toda a realidade física. Portanto, para que todo o universo surja sem uma causa teria que surgir do nada, o que é absurdo. Em eventos de decaimento quântico, as partículas não surgem do nada. Como explica Christopher Isham, o principal cosmólogo quântico da Grã-Bretanha: “É necessário ter cuidado ao usar a palavra ‘criação’ em um contexto físico. Um exemplo familiar é a criação de partículas elementares em um acelerador.

No entanto, o que ocorre nessa situação é a conversão de um tipo de matéria em outro com a quantidade total de energia sendo preservada no processo.” Nesses eventos de decaimento quântico as partículas não surgem do nada. Portanto, a suposta exceção à premissa (1) não é uma exceção à premissa (1') como a formulei, que exigiria que o universo surgisse do nada.

A primeira razão: algo não pode surgir do nada

Deixe-me dar três razões em apoio a esta premissa (1'). Primeiro, primeiro, algo não pode surgir do nada. Algo não pode surgir do nada. Pense nisso. Afirmar que algo pode surgir do nada é pior do que mágica. Quando um mágico puxa um coelho da cartola, pelo menos você tem o mágico, para não mencionar a cartola! Mas dizer que o universo surgiu sem qualquer tipo de causa seria simplesmente surgir do puro não-ser. Seria nada. Isso é literalmente pior do que mágica. Você teria que acreditar que todo o universo simplesmente apareceu em algum momento do passado sem motivo algum. Mas ninguém, eu acho, acredita sinceramente que coisas, digamos, um cavalo ou uma aldeia esquimó, podem simplesmente surgir sem uma causa. Às vezes, os cétricos respondem a este ponto dizendo que na física partículas subatômicas (as chamadas “partículas virtuais”) surgem do nada.

Ou, em certas teorias sobre a origem do universo, essas são descritas em revistas populares como surgindo algo do nada, de modo que o universo seria a exceção ao provérbio “Não existe almoço grátis.” Acho que essa resposta cética representa um abuso deliberado da ciência, como

já sugeri. As teorias em questão têm a ver com a origem das partículas (ou do universo) como uma flutuação de um sistema físico, como o vácuo ou campos quânticos. O vácuo, por exemplo, na física moderna não é o que o leigo entende pela palavra “vácuo”, ou seja, nada. Em vez disso, na física, o vácuo é um mar de energia turbulenta governado por leis físicas e possuindo uma estrutura física. Dizer às pessoas leigas que em tais teorias algo surge do nada, penso eu, representa uma distorção deliberada dessas teorias.

Nada e os jogos de linguagem

Em termos precisos, a palavra “nada” é um termo de negação universal. Significa “não algo.” Então, por exemplo, se eu digo: “Eu não comi nada no café da manhã hoje,” quero dizer: “Eu não comi coisa alguma no café da manhã hoje.” Se você lê um relato da Segunda Guerra Mundial e o texto diz que “Nada parou o avanço alemão de varrer a Bélgica,” isso significa que o avanço alemão não foi parado por coisa alguma. Se um teólogo lhe disser que “Deus criou o universo a partir do nada,” ele quer dizer que a criação do universo por Deus não foi feita de coisa alguma. A palavra “nada,” para repetir, é simplesmente um termo de negação universal significando “não algo.” Há uma série de palavras assim na língua inglesa – termos de negação universal: “Ninguém” significa não alguém. “Nenhum” significa não um. “Nenhum lugar” significa não em algum lugar.

Agora, porque a palavra “nada” é gramaticalmente um pronome, você pode usá-la como o sujeito ou objeto direto de uma frase. E ao usar esses termos de negação universal como palavras que supostamente se referem a algo, você pode gerar todo tipo de situações engraçadas. Por exemplo, se você disser: “Eu não vi ninguém no corredor,” o engraçadinho diz: “Sim, ele tem estado lá ultimamente!” Ou se você disser: “Eu não comi nada no almoço hoje,” ele diz: “Sério? Como foi o gosto?” Está usando esses termos de negação universal como se estivessem se referindo a algo. Esses tipos de truques de palavras são tão antigos quanto a própria literatura. Por exemplo, na Odisseia de Homero, Odisseu se apresenta ao Ciclope como “Ninguém.” E uma noite Odisseu cega o olho do Ciclope.

Seus companheiros Ciclopes ouvem-no gritando e gritam para ele: “Qual é o problema com você, fazendo tanto barulho que não podemos dormir?” O Ciclope responde: “Ninguém está me matando! Ninguém está me matando!” Eles respondem: “Se ninguém está atacando você, então você deve estar doente, e não há nada que possamos fazer!” Na versão dessa mesma história por Eurípedes, ele compõe uma espécie de rotina “Quem está em primeiro?” de Abbott e Costello. Aqui está como acontece em Eurípedes: “Por que você está gritando, Ciclope?” “Ninguém me desfez!” “Então não há ninguém te machucando afinal.” “Ninguém está me cegando!” “Então você não está cego.” “Tão cego quanto você!” “Como poderia ninguém ter te deixado cego?” “Você está zombando de mim! Mas onde está esse Ninguém?” “Em lugar nenhum, Ciclope!” O uso desses termos de negação como termos substantivos que se referem a algo é uma piada.

É uma piada! Quão surpreendente, então, encontrar popularizadores contemporâneos da ciência, cuja língua materna é o inglês, usando esses termos precisamente como termos substantivos de referência. Por exemplo, Lawrence Krauss, um excelente físico, nos disse com seriedade, por exemplo: “Existem várias formas de nada, [e] todas têm definições físicas.” “As leis da mecânica quântica nos dizem que o nada é instável.” “70% da matéria dominante no

universo é nada.” “Não há nada lá, mas tem energia.” “Nada pesa algo.” “Nada é quase tudo.”^[3] Todas essas afirmações tomam a palavra “nada” como um termo substantivo referindo-se a algo, por exemplo, o vácuo quântico ou campos físicos quânticos. Estas são realidades físicas e, portanto, claramente não são nada – elas são algo.

Chamar essas realidades de “nada” é, na melhor das hipóteses, enganoso, garantido para confundir leigos, e na pior das hipóteses é, como eu disse, uma distorção deliberada da ciência envolvida.

Segunda e terceira razões

Segunda razão em apoio à premissa um. (2) Se algo pode surgir do nada, então se torna inexplicável porque qualquer coisa e tudo não surge do nada. Pense nisso: por que bicicletas, Beethoven e cerveja de raiz não surgem do nada? Por que apenas universos podem surgir do nada? O que torna o nada tão discriminatório? Obviamente, estou sendo irônico aqui, porque o nada não é nada; ele não tem propriedades. É apenas um termo de negação universal. Não há nada a ser limitado. “Nada” significa não algo. Se as coisas podem simplesmente surgir do nada sem uma causa, então todos os tipos de coisas deveriam estar fazendo isso o tempo todo. Neste ponto, o ateu provavelmente retrucará: “Tudo bem, se tudo tem uma causa então qual é a causa de Deus?” Fico sempre surpreso com a atitude autossuficiente com que os estudantes fazem essa pergunta.

Eles imaginam que disseram algo realmente importante ou profundo, quando tudo o que fizeram foi apenas entender mal a premissa. A premissa (1) não diz que tudo tem uma causa. Ela diz que tudo o que começa a existir tem uma causa; ou que se o universo começou a existir, ele tem uma causa. Mas algo que é eterno não precisaria de uma causa, porque nunca começou a existir. Al-Ghazali responderia a essa pergunta dizendo que Deus é eterno e não causado. Observe que isso não é um tratamento especial para Deus, porque é exatamente o que o ateu tradicionalmente dizia sobre o universo: o universo é eterno e não causado. O problema é que, eu acho, temos boas evidências de que o universo não é eterno no passado mas teve um começo, evidências que veremos nas próximas semanas. Isso então encurrala o ateu a ter que dizer que o universo surgiu sem uma causa, o que para mim é absurdo.

Finalmente, a terceira razão é que, a experiência comum e as evidências científicas confirmam a verdade da premissa (1). A premissa (1) é sempre verificada e nunca falsificada. É difícil entender como alguém comprometido com a ciência moderna poderia negar que a premissa (1) é mais plausivelmente verdadeira do que falsa à luz das evidências. Ouvi alguns céticos da Internet responderem a este terceiro ponto dizendo que comete a “Falácia da Composição”. Agora, o que é isso? A Falácia da Composição envolve inferir que porque cada parte de uma coisa tem uma certa propriedade, portanto, a coisa toda tem essa propriedade. Por exemplo, alguém pode dizer que porque cada parte de um elefante é leve em peso portanto, o elefante inteiro é leve em peso. Isso obviamente seria falacioso. Isso comete a Falácia da Composição.

Este terceiro ponto que estou fazendo – que a experiência comum e as evidências científicas apoiam a verdade da premissa (1) – não raciocina por composição. Não infere que, porque cada parte do universo tem uma causa, o universo inteiro tem uma causa. Não se refere nem mesmo a partes do universo! Pelo contrário, esse terceiro ponto é um caso do que é chamado de raciocínio indutivo, que fundamenta toda a ciência. Inferimos a partir de uma amostra aleatória

de itens alguma propriedade que é compartilhada por itens desse tipo. Neste caso, o tipo em questão são coisas que começam a existir. Quando olhamos para coisas que começam a existir, a evidência científica e a experiência comum mostram que elas sempre têm causas. A generalização “tudo o que começa a existir tem uma causa para seu começo” é uma inferência indutiva muito poderosa.

Você infere essa verdade geral com base em uma amostra aleatória de casos típicos. Acho que essa objeção é apenas baseada em uma confusão entre raciocínio indutivo (que é um raciocínio sólido) e raciocínio por composição (que é um raciocínio falacioso). Esse terceiro argumento não é um caso de raciocínio por composição. Para mim, acho que essa primeira premissa tem uma boa reivindicação de ser verdadeira. Se o universo começou a existir, então o universo teve uma causa para seu começo. Alguma discussão sobre essa primeira premissa ou sobre qualquer um dos argumentos que apresentei em apoio a ela.

Discussão: criação e causalidade

Aluno: Sob a cosmovisão cristã, é correto dizer que Deus trouxe o universo à existência a partir do nada, ou acreditamos que, como cristãos, não temos o conceito de nada para nós porque nunca houve um estado em que Deus não estivesse lá? Em outras palavras, nunca houve um tempo em que era verdade que não havia nada. Isso faz sentido? Dr. Craig: Bem, quero dizer, faz sentido? Estudante: Podemos dizer que Deus trouxe o universo do nada, ou “nada” não tem significado porque Deus sempre esteve lá? Dr. Craig: A visão cristã da criação é chamada de “creatio ex nihilo” que é latim para “criação a partir do nada.” Mas, como expliquei em meus exemplos, quando o teólogo diz que Deus criou o universo a partir do nada, o que ele quer dizer é que ele não o criou a partir de algo. Deus criou o universo, mas ele não o criou a partir de algo. Aqui está uma maneira de pensar sobre isso.

Aristóteles distinguiu entre diferentes tipos de causalidade, como a causalidade eficiente e a causalidade material. Michelangelo é a causa eficiente da estátua de Davi. Ele a esculpiu. Ele a produziu. Ele é a causa eficiente daquela estátua. A causa material da estátua é o bloco de mármore que ele usou. Essa é a causa material. Michelangelo é a causa eficiente. Na criação ex nihilo, Deus é a causa eficiente do universo e não há causa material. Essa é a maneira de pensar sobre isso. Não é como se houvesse algo chamado “nada” e Deus fez o universo a partir disso. Isso comete essa falácia de usar a palavra “nada” como um termo referencial. Pelo contrário, isso significa “não algo.” Não havia causa material. Sim? Aluno: Eu esperava que você trouxesse as causas aristotélicas. Não sou especialista nessas coisas. Temos algum exemplo de creatio ex nihilo além do universo?

Você dá o exemplo de Michelangelo, mas isso é causa eficiente e material. Dr. Craig: Eu tenho uma pergunta da semana em nosso site, ReasonableFaith.org, onde discuto isso.^[4] Do ponto de vista cristão, a criação a partir do nada é exclusiva de Deus. Não há nada mais que tenha o poder de criar algo sem uma causa material. Um grande teólogo medieval, Scotus, disse que a distância entre ser e não-ser é infinita, portanto, seria necessário um ser de poder infinito para criar a partir do nada. Esse não é um poder que as criaturas possuem. Apenas Deus tem o poder de criar ex nihilo. Temos a capacidade de remodelar coisas materiais então um carpinteiro pode criar, digamos, uma cadeira usando madeira, mas ele não pode criar ex nihilo. Se você

estiver disposto a me acompanhar um pouco nisso, no entanto, pode-se fornecer alguns exemplos possíveis, embora sejam muito incomuns.

Nesta aula, falamos frequentemente sobre objetos abstratos como números, conjuntos e propriedades, e assim por diante. Na filosofia da estética, há um debate semelhante sobre a existência de coisas como composições musicais e produções literárias. Guerra e Paz de Tolstói, muitos diriam, não pode ser identificado com qualquer exemplar físico desse livro, porque, caso contrário, se fosse destruído, então o romance Guerra e Paz não existiria. Ou a Quinta Sinfonia de Beethoven não pode ser identificada com qualquer série particular de marcas de tinta em um pedaço de papel. Em vez disso, esses são objetos abstratos que têm instâncias ou exemplares no mundo. Esses livros físicos e partituras físicas são exemplares de um objeto abstrato que é a Quinta Sinfonia ou Guerra e Paz. Isso é o que alguns esteticistas acreditam. Mas eles também acreditam que Beethoven criou a Quinta Sinfonia.

E eles acham que Liev Tolstói criou Guerra e Paz. Essas coisas não são objetos abstratos que existem eternamente. Eles são contingentes e tiveram um começo e foram criados por seus compositores e autores. Se isso for verdade, seria um exemplo de algo criado sem uma causa material, porque essas coisas não têm material. Elas não são feitas de matéria. Se você puder considerar essa ideia, isso seria um exemplo de criação onde você teria uma causa eficiente, mas não uma causa material.

Exemplos e a questão de Kant

Aqui está mais um exemplo para você que é provocativo sugerido pelo físico Jim Sinclair. Na cosmologia contemporânea, o espaço está se expandindo. Não é que as galáxias estão se afastando umas das outras em um espaço vazio preexistente, como partículas em uma grande caixa vazia. Em vez disso, o próprio espaço está se expandindo. O espaço é uma coisa física – tem propriedades físicas. De onde vem o novo espaço à medida que o universo se expande? Você está obtendo mais e mais espaço à medida que o tempo passa. Ele não vem de nada. Seria outro exemplo de algo que é criado ex nihilo. Isso seria uma ilustração possível de algo onde você teria uma causa eficiente mas não teria uma causa material. Não estou sugerindo de forma alguma que esses são exemplos decisivos. Mas acho que são experimentos mentais.

Eles são ilustrações que podem nos provocar a pensar sobre a ideia de criação ex nihilo e podem torná-la mais inteligível e mais compreensível. Certo. Acho que temos tempo para mais uma pergunta. Lá atrás, junto à parede. Aluno: É interessante que você associou contingência com o começo do universo. Immanuel Kant disse que, se algo é assumido como contingente, é apenas uma verdade analítica dizer que isso tem uma causa. Não poderíamos ir direto ao ponto e simplesmente dizer que essa premissa é analiticamente verdadeira? Dr. Craig: Vamos ser cuidadosos aqui. Uma verdade analítica significa que é verdade por definição, como “Um solteiro é um homem não casado.” Kant não pensava que essa premissa causal fosse verdadeira por definição. Pelo contrário, ele dizia que é uma verdade sintética, não uma verdade analítica. Ele a chamava de uma proposição sintética a priori.

Ou seja, é uma verdade universalmente necessária, mas não é verdadeira por definição. É uma verdade informativa. Portanto, a ideia de que tudo o que começa a existir tem uma causa (ou mais modestamente, se o universo começou a existir, o universo tem uma causa) isso não é

verdadeiro por definição. Isso é uma verdade informativa pela qual buscaríamos evidências para acreditar nela.

Continuidade e bênção

Estarei de volta no próximo domingo e então passaremos à defesa da premissa realmente chave neste argumento, que é que o universo começou a existir. Vamos encerrar com uma palavra de bênção, por favor deixe-me convidá-lo a apenas inclinar suas cabeças. “Portanto, meus amados irmãos, sejam firmes, inabaláveis e sempre abundantes na obra do Senhor, sabendo que, no Senhor, o trabalho de vocês não é vão.” “A graça do Senhor Jesus esteja com vocês.” Amém.

Referências

William Lane Craig. Lecture 8: The Kalam Cosmological Argument. Defenders 3, Excursus on Natural Theology. Reasonable Faith, 2015. PDF oficial, p. 70–78.

Bíblia Sagrada, Nova Almeida Atualizada. Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.

Steward Hackett. The Resurrection of Theism (título e grafia como no original da aula; edição não informada).

The Cambridge Companion to Atheism, citado pelo professor como publicado em 2007. Alegação/data mantidas como na fonte, sem inferir autor ou página não informados.

Al-Ghazali. The Incoherence of the Philosophers (Tahāfut al-Falāsifa), obra mencionada na aula.

Al-Ghazali. Kitab al-Iqtisad fi'l-l'tiqad, citado em S. de Beaurecueil, “Gazzali et S. Thomas d'Aquin: Essai sur la preuve de l'existence de Dieu proposée dans l'Iqtisad et sa comparaison avec les 'voies' Thomiste,” Bulletin de l'Institut Français d'Archéologie Orientale 46 (1947):203. Nota55 do PDF oficial p.72, grafia conforme a fonte.

Christopher Isham, passagem citada sobre criação de partículas em aceleradores; obra não identificada na aula.

William Lane Craig e Lawrence Krauss. Diálogo “Why Is There Something rather than Nothing?”, remissão da nota58 do PDF oficial p.75 para a transcrição, sem URL na nota.

William Lane Craig. Q&A #216, “Must Everything that Begins to Exist Have a Material Cause?”.

<http://www.reasonablefaith.org/must-everything-that-begins-to-exist-have-a-material-cause>. Nota61 do PDF oficial p.77, acesso em 4 outubro 2015.

Homero. Odisseia; Eurípides, versão da história do Ciclope; Abbott e Costello, “Who's on first?”. Referências preservadas conforme a fala, sem edição inferida.

Liev Tolstói. Guerra e Paz; Ludwig van Beethoven. Quinta Sinfonia. Exemplos discutidos pelo autor, sem edição inferida.

Notas editoriais da revisão

[1] A grafia Steward consta também no inglês local e no PDF oficial p.70. Preservada no corpo, sem tratar como falha exclusiva da tradução; uma eventual correção de nome exige fonte bibliográfica adicional.

[2] A nota55 do PDF oficial p.72 atribui esta formulação a Al-Ghazali, Kitab al-Iqtisad fi'l-l'tiqad, citado por S.deBeaurecueil em artigo de 1947, p.203. Preservou-se a referência, sem substituir pelo título de outra obra de Ghazali mencionado antes.

[3] A nota58 do PDF oficial p.75 informa que todas essas afirmações pertencem a Lawrence Krauss e remete, para referências, à transcrição do diálogo Why Is There Something rather than Nothing?. Essa remissão foi preservada, sem inventar URL para o diálogo.

[4] A nota61 do PDF oficial p.77 remete à Pergunta da Semana 216, Must Everything that Begins to Exist Have a Material Cause?, acesso em 4 outubro 2015. Referência preservada na bibliografia.

Créditos e fontes

Autoria: William Lane Craig. Publicação original: Reasonable Faith.

Conteúdo original: © 2015 William Lane Craig.

Tradução e edição em português: Fé Razoável. Revisão: 20/10/2026.

Fonte original: <https://www.reasonablefaith.org/podcasts/defenders-podcast-series-3/s3-excursus-on-natural-theology/excursus-on-natural-theology-part-8/>

Aula em português: <https://ferazoavel.com.br/defensores-teologia-natural-parte-8/>

William Lane Craig | Publicação original: Reasonable Faith

Tradução e edição em português: Fé Razoável